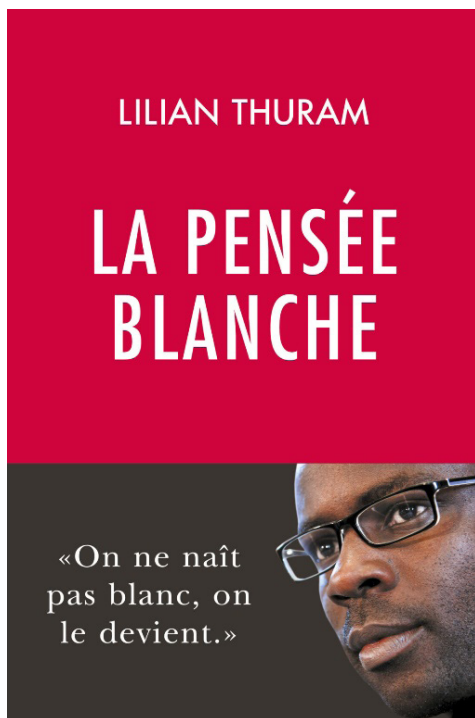


**Lilian Thuram: *La Pensée Blanche*.  
Editora Philippe Rey, 2020, 318 pp.**

Susana Pimenta (UTAD)



Lilian Thuram nasceu em 1972, na Guadalupe, e foi jogador de futebol de 1991 a 2008 com vários prémios nacionais e internacionais. A partir de 2008, sob o lema “As pessoas não nascem racistas, tornam-se racistas”, preside a *Fundação Lilian Thuram – Educação contra o racismo*<sup>1</sup>, que criou para desenvolver iniciativas de combate ao racismo, dirigidas à comunidade escolar, aos profissionais de justiça e de cultura e, sobretudo, ao grande público. É também autor de *8 juillet 1998* (2004), *Mes étoiles noires* (2011), *Manifeste pour l'égalité* (2014), *Notre histoire 1 e 2* (2014 e 2017), *Tous super-héros 1 e 2* (2016 e 2018) e *Nelson Mandela* (2017).

Lilian Thuram, na obra *La Pensée Blanche*, publicada pela editora Philippe Rey em 2020, ainda sem tradução para português, pretende desconstruir o pensamento que originou a hierarquização das raças e as formas de perpetuação do racismo, partindo do questionamento de uma categoria “inquestionável”: a categoria branca. Neste longo ensaio de 318 páginas, o autor levanta as questões “O que é ser branco?” e “Não nascemos brancos, tornamo-nos?”, que pretendem ser o início de um diálogo, sem ódio nem sectarismo, sem má fé (Thuram 2020: 10). A tentativa de resposta é fundamentada por uma longa lista de referências bibliográficas atual e especializada<sup>2</sup>, embora escrita numa linguagem enxuta de formalidades

<sup>1</sup> Cf. [www.thuram.org](http://www.thuram.org).

<sup>2</sup> Lilian Thuram fundamenta-se nos autores como Frantz Fanon, Aimé Césaire, Amílcar Cabral, Achille Mbembe, Toni Morrison, Rosa Amelia Plumelle-Urbe, Pascal Blanchard, Nicolas Bancel, entre outros.

académicas ou de grandes deambulações teóricas, o que facilita a divulgação da mensagem junto do grande público. Incontornavelmente, Thuram recorre ainda aos textos fundadores da reflexão pós-colonial de autores como Frantz Fanon ou Aimé Césaire, cruzando-os com exemplos práticos, revestidos de alguma provocação reflexiva, como o aviso ao leitor que se segue: “Avertissement: lorsqu’on vous parle de Christophe Colomb, visualisez son arrivée: êtes-vous sur le bateau avec lui ou sur la plage avec les Amérindiens?” (Thuram 2020: 38). O autor, ao longo do ensaio, interpela diversas vezes o leitor, obrigando-o a repensar as origens do racismo e, conseqüentemente, a perceber e a contextualizar o posicionamento privilegiado do homem branco ao longo da História, verificando-se a equação: se há um pensamento negro, haverá com certeza um pensamento branco. No entanto, na reflexão sobre o racismo, e tal como afirma Michael Eric Dyson, no prefácio à obra *Fragilidade Branca. Porque é tão difícil para os brancos falar sobre racismo* (2020), é preciso recordar que “a branquitude é a variável que não muda”, ou seja, é um constructo social de uma “perversa genialidade”, lembrando as palavras de Charles Baudelaire: “a mais bela das ilusões do Diabo foi persuadir-te de que ele não existe” (Dyson 2020: 11-12).

A desconstrução do pensamento branco na obra de Lilian Thuram dá-se em três grandes capítulos: (I) *L’histoire*, (II) *Être blanc* e (III) *Devenir humain*. O primeiro capítulo revela um trabalho de investigação onde o autor problematiza os relatos históricos que construíram e ajudaram a sedimentar o imaginário coletivo em torno da colonização: as descobertas, o exotismo, a religião, o ato de colonizar e civilizar. No entanto, o autor coloca em destaque e em contraponto os discursos de oposição à colonização, sobretudo no contexto francês, que foram obliterados ao longo da história da colonização. A título de exemplo, Thuram evoca Georges Clemenceau, deputado de Paris do século XIX, que se opõe ao discurso consensual sobre ação civilizadora das “raças inferiores” e que lutava pela igualdade dos seres humanos:

Non, il n’y a pas de droits de nations dites supérieures contre les nations dites inférieures; il y a la lutte pour la vie, qui est une nécessité fatale, qu’à mesure que nous nous élevons dans la civilisation, nous devons contenir dans les limites de la justice et du droit; mais n’essayons pas de revêtir la violence du nom hypocrite de civilisation (Thuram 2020: 99).

O autor demonstra que o “pensamento branco” assumiu, ao longo da história, várias formas moldadas pelas várias circunstâncias políticas, sociais

e culturais, relembrando também que “Oui, la pensée blanche est avant tout masculine” (Thuram 2020: 91). O homem branco ocupa o lugar central da dominação colonial, não se podendo falar de colonização sem evocar a dominação do corpo da mulher ou do fascínio do “bon sauvage”.

O segundo capítulo inicia com a análise do quadro *Châtiment des quatre piquets dans les colonies*, de Marcel Antoine Verdier, pintado em 1843. Interpelando ao leitor, a desconstrução da imagem é realizada a partir da suposição apresentada pelo autor: “J’aimerais savoir ce que vous, lecteur, voyez de ce tableau. Je suppose que c’est le spectacle tragique de l’esclave aplati sur le sol, les quatre membres écartelés par les piquets, qui retient toute votre attention” (Thuram 2020: 125). Ora, Lilian Thuram pretende chamar a atenção para a família branca que se figura à esquerda do quadro: um pai, uma mãe e um filho. A criança parece assustada e é tranquilizada pela mãe e por uma mulher negra. No chão há uma outra criança negra ao lado de um cão. A criança branca ainda não está habituada à violência, ainda não é “branca”, está a tornar-se e tornar-se-á em definitivo à medida que vai testemunhando estas cenas: “Plus tard, cet enfant sera persuadé que les injustices faites aux Noirs sont normales” (Thuram 2020: 127). A criança negra, por sua vez, vai assimilar essa “normalidade” e sobretudo a ser educado para a aceitação da “supremacia” branca e do pensamento branco.

O terceiro capítulo “Devenir humain” é uma reflexão sobre a tomada de consciência da atualidade social e sobre a representatividade do não-branco num mundo onde os brancos são, de facto, uma minoria. A construção da identidade branca e a dominação branca, não sendo fruto do acaso, permitiu uma apropriação económica e simbólica do mundo não-branco (Thuram 2020: 256-257). Ao longo do capítulo, Thuram denuncia vários exemplos de apropriações económicas e culturais, alertando que dentro desse sistema os brancos também são explorados.

É na conclusão que Thuram explora o branco como “ser privilegiado”, aquele que pode escolher as suas lutas ou ser simplesmente indiferente. Partindo do exemplo e do texto “Privileged” do desportista branco Kyle Korver, onde admite que a sociedade se comporta injustamente contra os não-brancos, Thuram apela a uma urgente reconstrução do comum, um apelo ilustrado com as palavras de Achille Mbembe “refonder la communauté des humains en solidarité avec l’ensemble du vivant” (Thuram 2020: 299). E termina:

Indifférence et neutralité ne sont plus possibles. Ayons le courage d’ôter nos différents masques, de Noir, de Blanc, d’homme, de femme, de juif, de musulman, de chrétien, de bouddhiste, d’athée, de sans-papiers, de pauvre, de

riche, de vieux, de jeune, d'homosexuel, d'hétérosexuel...pour défendre la seule identité qui compte: l'humain. Le "je" c'est "Nous" (Thuram 2020: 299).

O livro de Lilian Thuram afigura-se como uma ferramenta pedagógica para a educação contra o racismo no contexto europeu. Num tempo em que os discursos racistas se materializam e proliferam de forma desabrida no espaço público, é urgente reeducar as mentes para o combate contra o racismo, o preconceito e a discriminação. *La Pensée Blanche* (2020) torna-se, assim, uma leitura obrigatória para estudantes, docentes, investigadores e para o público em geral.

### **Referências bibliográficas**

- DiAngelo, Robin (2020): *Fragilidade Branca. Porque é tão difícil para os brancos falar sobre racismo*. Trad. Rita Canas Mendes. Edições Edita\_X.
- Thuram, Lilian (2020): *La Pensée Blanche*. Editora Philippe Rey.